Fronteiras
Revista Catarinense de História

Joinville à prova de fogo

Vinícius José Mira[1]

FREIRE, Izaias de Souza. *Uma cidade em chamas*: a trama dos incêndios em Joinville (1977-1978). Joinville: Ed. do Autor, 2025.

Em plena ditadura militar, entre o final de 1977 e o início de 1978, mais de 30 incêndios criminosos foram registrados na cidade de Joinville, polo industrial situado no Litoral Norte de Santa Catarina e maior município do estado. Escolas, igrejas, estabelecimentos comerciais e industriais estiveram entre os alvos da ação incendiária. O caso teve repercussão nacional, reverberando em telejornais, revistas e periódicos de circulação nacional, além da incidência nos restritos círculos de poder do regime autoritário dos generais-ditadores então vigente.

Somado à fumaça e às cinzas, o fogo deixou marcas indeléveis na sociedade joinvilense. Os desdobramentos políticos e sociais imediatos dos incêndios, os bastidores da investigação policial realizada na ocasião e os seus efeitos a longo prazo na memória social da cidade de Joinville são minuciosamente analisados na obra *Uma cidade em chamas: a trama dos incêndios em Joinville (1977-1978)*, de autoria do historiador Izaias de Souza Freire (2025). Trata-se de uma versão revisada e ampliada do terceiro capítulo de sua tese de doutorado, intitulada *A Manchester em chamas: empresariado, trabalhadores e ditadura (Joinville, 1964-1985)*, defendida em 2024 (Freire, 2024).

Verdade seja dita, o assunto não é inédito. Ele já foi objeto de análise por parte de outros historiadores locais, tais como Sirlei de Souza (1998) e Clóvis Gruner (2017). Mesmo Izaias de Souza Freire (2015) já havia pincelado breves reflexões sobre o tema em sua dissertação de mestrado. O ineditismo de *Uma cidade em chamas*, no entanto, reside no acervo documental e nas ferramentas teórico-metodológicas utilizadas no decurso da pesquisa histórica empreendida.

[1] Doutorando em História na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista CAPES. Brasil. E-mail: viniciusmira1987@gmail.com | https://orcid.org/0000-0002-4628-3232

Além das matérias publicadas na imprensa local e em periódicos e revistas de circulação nacional, Izaias de Souza Freire também fez uso de dossiês produzidos pela "comunidade de informações", a sofisticada estrutura de espionagem e inteligência da ditadura militar. Em função disso, o historiador foi capaz de empreender consistentes análises a respeito dos meandros da investigação policial e as rivalidades entre os diferentes órgãos civis e militares de segurança pública na apuração do caso; dos bastidores do antagonismo entre o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), o partido de oposição ao regime autoritário, à frente da Prefeitura Municipal com Luiz Henrique da Silveira, e a classe empresarial da cidade, associada à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), agremiação de sustentação civil à ditadura militar; do despreparo das forças de segurança para enfrentar um crime de tamanha magnitude, acarretando na incidência de dura repressão e controle social sobre a população comum; além das disputas entre os industriais de Joinville e o governo estadual de Antônio Carlos Konder Reis, ambos alojados no âmago da ARENA, divergentes quanto ao nível de atenção dedicada pelo executivo estadual à maior cidade de Santa Catarina no que diz respeito à segurança pública.

O uso feito por Izaias de Souza Freire da ferramenta metodológica dos "jogos de escalas", na esteira das proposições de Jacques Revel (1998), permite apreender o fenômeno dos incêndios criminosos nos mais diversos graus de observação: na conjuntura local, dos efeitos na vida cotidiana das pessoas comuns e nas disputas entre o empresariado munícipe e o partido oposicionista à frente da Prefeitura; na dimensão regional, das disputas entre o governador de Santa Catarina, chefe das forças estaduais de segurança pública, e os segmentos políticos joinvilenses (sejam eles da ARENA ou do MDB); e na faceta nacional, na repercussão nos periódicos e revistas de circulação em todo o país e nas atitudes tomadas pelos artífices do regime autoritário dos generais-ditadores para enfrentar crimes daquela proporção.

O vasto e diverso acervo documental permite uma apreensão detalhada do cotidiano da cidade em meio à ostensiva presença de forças de segurança e profissionais da imprensa de vários cantos do Brasil em Joinville. Isso, somado à habilidade narrativa do autor, faz da obra um deleitoso suspense policial sem, contudo, deixar nada a desejar no que concerne ao rigor teórico-metodológico esperado de um texto acadêmico-disciplinar de história.

A esse respeito, aliás, Izaias não se omitiu quanto à análise da atribuição de autoria dos incêndios criminosos. Muitas versões circularam contemporaneamente à fumaça e às cinzas, recheadas de contornos políticos e socioeconômicos. Para membros da ARENA, os episódios deveriam ser atribuídos à inciativa de algum "piromaníaco" ou por ação terrorista de grupos

subversivos de esquerda. Para correligionários do MDB, o fogo era responsabilidade de grupos de extrema-direita descontentes com o resultado das urnas, que, em Joinville, sucessivamente elegeram a agremiação oposicionista para o executivo municipal. Como resultado, o terrorismo de extrema-direita supostamente teria como objetivo transformar a cidade em área de segurança nacional, perdendo a premissa de eleger seu próprio prefeito, que passaria a ser escolhido por indicação do governador, sem sufrágio universal, minando o poder de um dos principais redutos do MDB em Santa Catarina. Essa interpretação ganhava fôlego por atentados (e seus impactos) de semelhante teor ocorridos em outras regiões do país. Para muitas pessoas comuns, por sua vez, os crimes eram responsabilidade de jovens oriundos de abastadas famílias da cidade que, devido ao seu poder e influência, saíram impunes dos crimes cometidos, tendo a culpa sido atribuída apenas às pessoas mais pobres.

Tal como um bom suspense policial, o livro conclui com o "mistério desvendado". Segundo o autor,

> A conclusão possível na presente investigação sobre os incêndios é a de não haver provas de ter sido ação terrorista. Do mesmo modo, não houve provas de um mentor intelectual. Se quer houve a revelação pública de um "piromaníaco" ou de um suposto "Nero" que incendiou e aterrorizou a cidade entre o final de 1977 e início de 1978. A ausência de provas oficiais conclusivas, no entanto, não veta dada percepção social na cidade de que uma ou outra coisa tenha ocorrido: a primeira, lastreada pelo repertório político e o contexto da época, a segunda, pela indicação de que a influência e o poder econômico são exemplares em blindar culpados (Freire, 2025, p. 103).

Fronteiras

Em uma conjuntura acadêmico-disciplinar em que se exige dos profissionais da história cada vez maior participação (e intervenção) nas discussões públicas concernindo o passado e suas repercussões no presente, a obra de Izaias é um prato cheio. O lançamento da obra, no contexto da 22ª Feira do Livro de Joinville, foi noticiado nos telejornais de Joinville, suscitando o debate sobre o tema de *Uma cidade em chamas*, acrescido das participações do autor sob o formato de entrevista em programas de rádio e televisão da cidade.

Além do mais, o autor é presença constante em fóruns acadêmicos e comunitários de debate e exposição de ideias, tais como em conferência ministrada na *XXIX Semana de História da Universidade da Região de Joinville - Democracia e resistência na história* e na fala feita no evento comunitário *1º Encontro Histórias do bairro Floresta: resistência à ditadura militar em nosso bairro*.

Coligidos, uma série de trabalhos da historiografia local sobre o período entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980 permitem constatar que feridas narcísicas ameaçavam a consciência superlativa que a autointitulada Manchester Catarinense possuía de

si mesma (pacata, ordeira, harmoniosa etc.). Contribuiu para isso, entre outras coisas, o ativismo socioeconômico e político da Igreja Católica, a pujança eleitoral do partido de oposição à ditadura militar, a ascensão de movimentos sociais de participação popular com incidência no mundo do trabalho e a eclosão de greves (Gruner, 2017; Souza, 1998; Costa, 1989; Freire, 2015; 2024; Mira, 2024). Tudo isso em meio ao ocaso nacional do regime dos generais-ditadores.

Ainda que o fogo tenha sido combatido e que um inegável processo de democratização da participação política tenha tomado curso, restou a "brasa dormida" do autoritarismo – para fazer uso da expressão de Rodrigo Patto Sá Motta (2021) a respeito dos "passados presentes" da ditadura militar. Em função disso, *Uma cidade em chamas* é leitura obrigatória para compreender historicamente o alarme de incêndio nas cinzas incandescentes do autoritarismo no tempo presente na cidade de Joinville.

Referências bibliográficas

COSTA, Iara Andrade. *Os movimentos paredistas de Joinville - 1979-1985*. Joinville, 1989. Monografia (Especialização em História da América) - Fundação Educacional da Região de Joinville, Joinville, 1989.

FREIRE, Izaias de Souza. *Ecos de democratização*: uma análise das vozes do processo de transição do regime militar em Joinville. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

FREIRE, Izaias de Souza. *A Manchester em chamas*: empresariado, trabalhadores e ditadura (Joinville, 1964-1985). 2024. Tese (Doutorado em História) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

FREIRE, Izaias de Souza. *Uma cidade em chamas*: a trama dos incêndios em Joinville (1977-1978). Joinville: Ed. do Autor, 2025.

GRUNER, Clóvis. *Leituras matutinas*: modernidade, utopias e heterotopias na imprensa joinvilense (1951-1980). Curitiba: Editora Prismas, 2017.

MIRA, Vinícius José. *"Por Cristo e pela pátria"*: a Igreja Católica e ditadura militar (Joinville, 1964-1985). Florianópolis, 2024. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Passados presentes*: O golpe de 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala*: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

Fronteiras

SOUZA, Sirlei de. *Ecos de resistência na desconstrução da ordem*: uma análise da "Revolução de 64" em Joinville. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

Recebido em 04/11/2025.
Aceito em 26/11/2025.

Fronteiras